

## **OS LIBERTOS E O TRABALHO NO IMPÉRIO ROMANO. APROXIMAÇÕES A PARTIR DA DOCUMENTAÇÃO EPIGRÁFICA**

Filipe N. Silva<sup>1</sup>

Pedro Paulo A. Funari<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo examina as menções às atividades laborais nas inscrições relacionadas às pessoas de origem servil no Império Romano. Após apresentarmos a visão depreciativa sobre o trabalho manifestada por Cícero em seu *De Officiis*, recorreremos à documentação epigráfica do século I d.C. com o objetivo de averiguarmos as percepções e usos que as pessoas egressas da servidão faziam de suas respectivas ocupações. Nesta empreitada, argumentamos que sua ênfase nas atividades laborais constituía uma tentativa de reaver uma identidade pública para além de todos os preconceitos sociais advindos da escravidão.

### **Palavras-chave**

Libertos; Trabalho; Escravidão Romana; Epigrafia Latina.

---

<sup>1</sup> Doutorando - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: filipe.hadrian@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Titular - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: ppfunari@uol.com.br.

## **Abstract**

This article examines mentions of work activities in inscriptions related to people of servile origin in the Roman Empire. After presenting Cicero's disparaging view of work expressed by in his *De Officiis*, we examined epigraphic documents from the 1st century A.D. with the aim of ascertaining how freed persons perceived and experienced their occupations. We argue that freed persons' emphasis on their work activities constituted an attempt to regain a public identity despite all social prejudices arising from slavery.

## **Keywords**

Freed persons; Work; Roman slavery; Latin Epigraphy.

## Introdução

O trabalho é um conceito datado, como todos. Durante os milhões de anos de caçadores e coletores, nada indica qualquer noção nesse sentido. O mesmo se pode dizer de sociedades até hoje que vivem sem esse conceito, como muitas indígenas, aborígenes ou nativas. Trabalho ou palavras como labor (*labour*, em inglês), em idiomas diversos, remetem a algo associado ao sofrimento. Trabalho designava a própria tortura. Labor também carregava essa carga de algo dolorido e forçado. Essas conotações negativas derivam de sociedades de classe, na qual uns sofrem e produzem enquanto outros gozam e consomem. Estes poucos com o lazer (*otium*, em latim), muitos outros com a falta de gozo (*negotium*, sem ócio). O capitalismo, desde o século XVIII, viria a dar novas facetas ao trabalho como conceito. Se, antes, as distinções entre trabalhadores e os outros revestiam-se de aspectos simbólicos e de status jurídico e social, o capital viria introduzir o próprio conceito abstrato de trabalho, tão bem estudado por Marx (2013) e Engels.

O neoliberalismo e o conceito de Capital Humano iriam dar novas formas ao tema, mas sem afastar, de todo, os aspectos negativos do conceito, ao contrário (Brown, 2016). Todos são instigados a deixar o trabalho, para se converter em capital, deixar de ser trabalhador (*Arbeit*, o que sofre), para ser o empresário (*Arbeitsgeber*, aquele que dá trabalho, ou sofrimento, a outros). Os movimentos sociais, desde o século XVIII tardio, ao valorizar o trabalho participaria, mesmo de forma involuntária, para reforçar o valor do sofrimento, em relação ao gozo e ao usufruto da vida (De Masi, 1999).

Neste contexto, não surpreende que o sofrimento para conseguir sobreviver tenha tido, em todas sociedades de classe, conotação negativa. Na Antiguidade, com a escravidão e outras tantas formas de submissão ou dependência isso era evidente e particular. A particularidade estava na diferenciação baseada no status jurídico e social (Hope, 2005), já que havia inúmeras distinções fundadas em critérios para além da esfera econômica, no sentido moderno e capitalista do termo. Isso pode causar estranhamento, no leitor moderno dos antigos, como mostraremos mais adiante neste artigo. O importante não era acumular, ganhar dinheiro, tornar-se capital humano, mas ser honrado, entre outras coisas, por não ter que sofrer com a labuta. Essa percepção não era, contudo, compartilhada por todos, em particular, não era defendida pelos que haviam conseguido, com o seu esforço, dedicação, trabalho e, por que não, sofrimento, chegado a poder usufruir de certa folga. Os alforriados ou libertos podem mostrar bem isso, este o argumento central deste artigo. Sem deixar de reconhecer a dor, ressaltamos o outro lado, a valorização da ação no mundo, tal como

apresentada por alguns daqueles que, tendo sofrido a pior das submissões, conseguiram algum espaço para a vida.

### Cícero e os trabalhos infames

Entre as muitas referências antigas que nos permitem observar o desprezo dos romanos pelos trabalhos manuais, o *De Officiis* de Marco Túlio Cícero (106 a.C.- 43 a.C.) constitui uma das obras mais bem conhecidas e citadas sobre o tema. Impossibilitado de concluir sua viagem a Atenas para visitar seu filho Marco, Cícero redigiu o *De Officiis*, ao que tudo indica, no ano 44 a.C. (Dyck, 1996: 2). Diferente dos textos filosóficos de Cícero, o *De Officiis* seria uma obra instrutiva e que apresenta uma coleção de postulados morais acerca dos deveres e responsabilidades a serem observadas por seu filho (Dyck, 1996: 12-5; Linttot, 2008: 369) e por todos os jovens interessados em assegurar uma posição social de prestígio (Chiappetta, 1999: XXXIX). Baseado na obra de Panécio de Rodes (c.180 a.C - 109 a.C), o *De Officiis* apresenta em latim aquilo que, em língua grega, era representado pelo vocábulo καθήκον/καθήκοντα, que significaria a ação apropriada, o dever racional e decente a ser realizado pelas pessoas (Dyck, 1996: 2-3). O sentido etimológico indica “alcançar um ponto” e a tradução corrente em idiomas modernos, “deveres” dá conta de alguns aspectos do termo.

Em um conhecido excerto do *De Officiis* (1.150), Cícero dividiu e classificou as atividades em dois tipos principais: de um lado, haveria os trabalhos associados às *artes*, à técnica e ao intelecto. Consideradas superiores, estas atividades seriam consideradas dignas e compatíveis com as pessoas de nascimento livre. Do outro lado, as formas de trabalho designadas como *operae* seriam indignas e aproximadas da servidão. Nesse sentido, para Cícero, a atuação no pequeno comércio, bem como a profissão dos pescadores (*piscatores*), cozinheiros (*coqui*), açougueiros (*lanii*), peixeiros (*cetarii*) e salsicheiros (*fartores*) seriam marcas de indignidade e servidão:

*Illiberales autem et sordidi quaestus mercennariorum omnium, quorum operae, non quorum artes emuntur; est enim in illis ipsa merces auctoramentum seruitutis.*

Indignos também e mesmo sórdidos são todos os serviços remunerados, pagos pelo esforço físico e não intelectual. Naqueles, de fato, o próprio salário é o contrato de servidão (Cícero, *De Officiis*: 1.150. Tradução nossa).

A extensão (ou não) dos preceitos apresentados por Cícero entre seus contemporâneos permanece incerta. Para Finley (1986: 68), as considerações do advogado e filósofo romano seriam compatíveis com o

enaltecimento do trabalho agrícola em detrimento de profissões remuneradas, associadas à dependência econômica, e das ocupações voltadas ao lucro e à usura. Sua perspectiva, portanto, fazia ecoar a contundente afirmação do Velho Catão:

Est interdum praestare mercaturis rem quaerere, nisi tam periculosum sit et item fenerari, si tam honestum sit. Maiores nostri sic habuerunt et ita in legibus posiverunt, furem dupli condemnari, feneratorem quadrupli; quanto peiorem civem existimarent fenatorem quam furem, hinc licet existimare. Et virum bonum quom laudabant, ita laudabant: bonum agricolam bonumque colonum; amplissime laudari existimabatur qui ita laudabatur. Mercatorem autem strenuum studiosumque rei quaerendae existimo, verum ut supra dixi periculosum et calamitosum; at ex agricolis et viri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur, maximeque pius quaestus stabilissimusque consequitur minimeque invidiosus, minimeque male cogitantes sunt qui in eo studio occupati sunt.

Poderia ser preferível, às vezes, buscar o ganho no comércio, se não fosse tão arriscado, ou praticar a usura, se fosse honesto. Os nossos antepassados consideraram e assim colocaram nas leis que o ladrão fosse condenado a pagar o dobro e o usurário o quádruplo. Podemos estimar o quanto pior o cidadão que cobrasse juros, frente ao ladrão. E para louvar um bom honrado, assim o faziam: bom agricultor e bom camponês. Quem assim fosse elogiado, considerava-se o mais bem considerado. O comerciante, de fato, considero dedicado e perseverante na busca do lucro, mas, como disse acima, propenso ao perigo e à calamidade. De agricultores, ao contrário, surgem varões fortíssimos e militares duríssimos. Lá se alcança o ganho mais justo, o mais seguro, o menos exposto à inveja e os ocupados nessa atividade estará o menos afetado dos maus pensamentos dos outros (Catão, *De Agri Cultura: pr.1*. Tradução nossa).

No que concerne aos libertos e libertas, no entanto, a percepção acerca do trabalho tem sido avaliada sob uma perspectiva que diverge daquela defendida por Cícero, Catão e outros. Essa hipótese foi defendida no estudo de Sandra Joshel (1992), em seu livro *Work, identity and legal status at Rome: a study of occupational inscriptions*: para esta estudiosa, as inscrições e representações iconográficas com menções explícitas às ocupações dos ex-escravos estariam relacionadas a uma tentativa de registrar sua importância social por meio de sua profissão:

Ademais, os títulos ocupacionais dos escravos podem proceder de uma percepção de seu valor social, o qual se origina, ironicamente, na pobreza social e na alienação natal. Trabalhos de todos os tipos, especialmente os afazeres domésticos realizados por muitos dos escravos nas inscrições ocupacionais, não eram uma fonte de prestígio para a ideologia das camadas mais altas daqueles nascidos livres (...). O trabalho carregava consigo um senso de importância. O predomínio de escravos e ex-escravos que se identificam como produtores de bens e serviços parece revelar

a consciência dos escravos quanto à importância de suas atividades (Joshel, 1992: 55. Tradução nossa<sup>3</sup>).

Visto que a condição dos escravos no mundo romano era bastante variável e diversificada (Bradley, 1994: 4), sua presença na documentação antiga pode ser observada nas mais distintas ocupações urbanas e rurais. Além da heterogeneidade das profissões exercidas pelas pessoas de origem servil e seu respectivo cotidiano laboral, as inscrições (sobretudo funerárias) também apresentam informações referentes à administração da relação destas pessoas com seus respectivos proprietários ante à possibilidade de manumissão. A seguir, arrolamos alguns exemplos com o objetivo de tornar patente essas características.

### **O trabalho dos libertos a partir das inscrições latinas**

A tradição textual representa pontos de vista restritos aos limitados círculos dominantes. Cícero, assim como outros autores antigos que chegaram até nós, havia estudado a filosofia grega: seus tratados são elaborações sofisticadas e não representam sequer a perspectiva de um romano da elite e culto comum. Em primeiro lugar, haviam correntes filosóficas divergentes e, em seguida, um membro ordinário das classes abastadas não tinha tanta familiaridade com a erudição. Ao contrário, havia mesmo resistência ao estudo da cultura grega, como atesta a passagem de Catão acima, de elogio ao simples agricultor. Seria, pois, difícil avaliar a difusão da valorização das atividades intelectuais (*artes*), aqueles que praticam a junção (*ars*) de ação e reflexão, frente às *operae*, esforços, dia de trabalho, mas também tempo livre para fazer o que quiser, sentido presente em Plauto, voltado para um público mais largo. Convém, assim, ler as referências literárias a contrapelo (Löwy, 2010). Cícero, em sua obra filosófica, voltava-se para um público mais reduzido e abastado, já Plauto escrevia para gente mais humilde e a mesma palavra *operae* apresenta sentidos muito diferentes, portanto.

---

<sup>3</sup>No original: “Further, slaves’ occupational titles may proceed from a perception of their social value, one that originates, ironically, in social poverty and natal alienation. Work of all kinds, especially the domestic jobs held by many of the slaves in the occupational inscriptions, was not a source of prestige in the ideology of the highest ranks of the freeborn. (...). Work carried with it a sense of importance. The predominance of slaves and ex-slaves among those who identified themselves as the producers of goods and services seems to bespeak slaves’ awareness of the worth of their activities” (Joshel, 1992: 55).

Em seguida, há a imensa e sempre crescente informação advinda da cultura material, por meio dos estudos arqueológicos (Funari, 2006). As fontes materiais não se referem apenas à elite letrada, ao contrário, até mesmo as inscrições alcançavam os analfabetos, pela leitura oral predominante no mundo antigo. Por meio da Arqueologia tem sido possível contrapor, em particular, os discursos normativos e prescritivos, como nos tratados de Cícero ou Sêneca, àquilo que se encontra em pinturas parietais, na iconografia em lamparinas ou vasos decorados, na estatuária, entre outras. O estudo arqueológico do mundo antigo tem sido mais e mais levado em conta não só pela História Antiga, como pelas outras disciplinas, como o estudo das línguas e literaturas antigas ou as ciências da religião. As inscrições são de especial potencial para o exame das subjetividades subalternas antigas, seja na forma de grafites (Funari, 2012) ou de epígrafes encomendadas, como lápides funerárias. Os grafites são abundantes apenas e de maneira excepcional em Pompeia, enquanto as outras são encontradas em toda parte. Mesmo quando encomendadas, podem revelar tanto os pontos de vista do que mandaram fazer o escrito, como do público alvo, dos passantes (Funari, 2018).

O estudo dos libertos, antigos escravizados alforriados, embora antigo, desde o princípio da historiografia acadêmica, no século XIX, foi renovado por abordagens derivadas da teoria social e dos estudos culturais (Silva, 2021, no prelo). No primeiro caso, conceitos como hibridismo (Hardt & Negri, 2000: 60; 166-7) transculturação, mescla cultural, miscigenação, multilinguismo, protagonismo feminino, fluidez ou agenciamento (*agency*) contribuíram para permitir perspectivas inéditas também do mundo romano antigo. Em seguida, os estudos culturais introduziram noções como pós-colonialismo ou culturas populares, cuja aplicação à Antiguidade também tem crescido e produzido reflexões insuspeitadas (Funari & Garraffoni, 2018). Neste artigo, serão estudadas algumas inscrições à luz dessas discussões teóricas. Convém começar por uma epígrafe que junta diversos dessas questões:

Psamate Furiae/ ornatrix v(ixit) a(nnos) XIIX/ Mithrodates pistor/ Flacci Thori fecit (CIL VI, 09732).

**Local:** Roma. **Datação:** 01-25 d.C.

Psamate, mucama de Fúria, viveu por dezenove anos. Mithrodates, padeiro de Thorio Flaco fez [este sepulcro]. (Tradução nossa).

A presente inscrição funerária (CIL VI, 09732) permite-nos vislumbrar a menção à atividade laboral, em conjunto com o próprio nome, como forma de identificação social de uma pessoa que vivenciou a servidão. Ao

constatarmos o falecimento de ambos os personagens ainda em condição servil, pode-se presumir que a alforria não estava ao alcance de todas as pessoas escravizadas. A palavra *ornatrix/-ces*, derivada do verbo *orno*, e remete à ideia de “deixar preparado, pronto, equipar e organizar”. Possui, ainda, o sentido “ornar”, “embelezar” e “adornar”: funções comuns às *ornatrices* de época imperial romana (Ernout & Meillet, 2001: 468-9). Optamos por traduzi-la por *mucama*, denominação utilizada na escravidão negra das Américas, por reconhecermos similaridades no ofício dessas mulheres escravizadas, sobretudo quanto ao fato de atuarem em serviços realizados em âmbito doméstico, no espaço mais íntimo da casa senhorial. A menção às profissões como forma de identificação social de escravos/as e libertos/as, com efeito, pode ser observada em inúmeras outras inscrições de Roma:

Ancaeus / Hilarionis tonsor / annor(um) XXVIII

(CIL VI, 01228 = CIL X, 01963).

**Local:** Roma. **Data:** 01-50 d.C.

Anceu, barbeiro de Hilarião, vinte e oito anos (Tradução nossa).

O uso de um único nome de origem grega, bem como a ausência de menção à filiação, não deixa dúvidas quanto à condição servil do escravo Anceu (CIL VI, 01228 = CIL X, 01963), que se dedicou à função de barbeiro de Hilarião até o fim de sua vida, sem, contudo, ter obtido sua manumissão. Por meio da inscrição funerária, pode constatar-se que o ofício serve como um complemento à própria identificação deste indivíduo.

Adrastus / libertus / cocus // Sophe / Adrasti / coci / l(iberta) uxor

(CIL VI, 09263 = CIL IX, \*00427).

**Local:** Roma. **Data:** Século I a.C.

Adrasto, liberto e cozinheiro. Sofia, cozinheira de Adrasto, liberta e esposa.

(Tradução nossa).

Embora ambos os personagens mencionados na inscrição compartilhem a condição de alforriados, tudo indica que Sofia teria sido a escrava de Adrasto: uma vez alforriada, a liberta também se tornou “esposa” de seu *patronus*. Por não serem *ingenui*, o casamento formal era um direito civil que não lhes era possível. Neste caso, tudo indica que teriam recorrido ao *contubernium*: uma associação conjugal extraoficial que só poderia ser praticada sob a anuência do proprietário escravista. Independente desse

impedimento, o uso de *uxor* (esposa) na inscrição atesta que, para estes libertos, seu envolvimento era considerado um verdadeiro casamento (Funari & Garraffoni, 2008). Ambos desempenhavam o ofício de cozinheiros: uma dentre as profissões qualificadas como sórdidas por Cícero em seu *De Officiis* (1.150).

A atuação de uma ex-escrava como de pescadora e comerciante de peixes foi registrada em uma inscrição sobre um intrigante artefato funerário, que menciona Aurélia Náis e outros libertos que trabalhavam com esta personagem. Pelas informações apresentadas na inscrição, pode indagar-se, mesmo, se a personagem mencionada nas *Sátiras*<sup>4</sup> do poeta Juvenal seria a mesma que conhecemos por meio da inscrição:

Aurelia C(ai) l(iberta) Nais / piscatrix de horreis Galbae / C(aius) Aurelius C(ai)  
l(ibertus) Phileros / patronus / L(ucius) Valerius L(uci) l(ibertus) Secundus

(CIL VI, 09801).

**Local:** Roma. **Data:** 69-80 d.C.

Aurélia Náis, liberta de Caio, pescadora dos armazéns de Galba. O patrono Caio Aurélio Phileros, liberto de Caio. Lúcio Valério Segundo, liberto de Lúcio (Tradução nossa).



**Imagem 01:** Pormenor do altar funerário da liberta e comerciante de peixes Aurélia Náis. Roma, século I d.C. **Dimensões:** 83.5 cm (Altura) x 63.8 cm (Largura). **Foto:** Manfred Clauss Epigraphik Datenbank Clauss/Slaby.

---

<sup>4</sup> JUVENAL. *Sátiras*. 1. V, 92-98. “Mullus erit domini, quem misit Corsica vel quem Tauromenitae rupes, quando omne peractum est et iam defecit nostrum mare, dum gula saevit, retibus adsiduis penitus scrutante macello proxima, nec patimur Tyrrhenum crescere piscem, instruit ergo focum provincia, sumitur illinc quod captator emat Laenas, Aurelia vendat”.

Como noutros casos, a inscrição de Aurélia Náis explicita a atividade laboral exercida por ela e por outros indivíduos alforriados. Outras características complexas da escravidão romana também podem ser observadas no referido registro epigráfico: Caio Aurélio Phileros ocupa, ao mesmo tempo, a posição de alforriado e patrono de outros libertos. No que concerne ao uso de elementos visuais, o altar apresenta uma coroa de louros, usada por gregos e romanos nas representações vitoriosas de divindades, líderes militares e poetas. Seu uso em monumentos funerários, presumimos, poderia estar fazendo alusão à ideia de vitória sobre a morte.

Além do registro escrito, imagens e representações referentes à ocupação dos libertos também podem ser observadas em vários monumentos funerários desse grupo social. A título de exemplo, poderíamos mencionar o sepulcro dos ex-escravos Caio Cafúrnio Antíoco e Vetúria Dêutera:

C(aius) Cafurnius / C(ai) l(ibertus) Antiochus / lanarius / Veturia C(ai) l(iberta) / Deutera / monumentum / fecit sibi et l(ibertis) su{e}is / in fro(n)te p(edes) XV in a(gro) p(edes) XX (CIL VI, 09489).

**Local:** Roma. **Data:** Século I d.C.

Caio Cafúrnio Antíoco, trabalhador da lã, liberto de Caio. Vetúria Dêutera, liberta de Caio, fez este monumento para si e para seus libertos. A medida da sepultura, na frente, é de quinze pés, e sua profundidade é de vinte pés. (Tradução nossa).

De acordo com Duprat (2017: 124), os personagens mencionados na inscrição poderiam constituir um casal. A referência ao aperto de mãos direitas, *dextrarum iunctio*, em contexto de união conjugal, neste caso por *contubernium*, estaria a representar uma associação de benefício e respeito mútuos. Em decorrência da profissão de produtor de lã (*lanarius*) exercida por Caio Cafúrnio Antíoco, pode-se constatar que a representação (**Imagem 02**) do ovino, à esquerda da lápide, esteja em consonância com seu ofício.



**Imagem 02:** Lápide Funerária de Caio Cafúrnio Antíoco e Vetúria Dêutera. Roma, século I d.C. **Foto:** Manfred Clauss Epigraphik Datenbank.

Recorrente em inúmeros estudos de Arqueologia e História da Arte Romanas (Petersen, 2003; Zanker, 2010), o túmulo de Marcos Virgílio Eurísaces constitui, talvez, o exemplo mais conhecido de alusão à profissão gravado em um monumento funerário de um indivíduo de origem servil. Com o intuito de perpetuar seu enriquecimento por meio da atividade profissional (Zanker, 2010: 145), Eurísaces registrou sua atuação como padeiro em seu epitáfio (CIL VI, 01958A) e no friso superior de seu sepulcro. Nas três fachadas que restaram do monumento, imagens referentes à panificação (**Imagem 03**) reiteram a ênfase em sua atividade profissional. Para Petersen (2003: 246-7), ademais, a decoração lateral do monumento com elementos esféricos possuiria um formato que se assemelharia aos equipamentos e maquinários utilizados na feitura dos pães. Sua inscrição nos informa que:

[Est hoc monume]ntum Marcei Vergilei Eurysacis pistoris redemptoris apparet //

Est hoc mon<i=u>mentum Margei Vergili Eurysacis/ pistoris redemptoris apparet //

Est hoc monumentum Marci Vergili Eurysac[is]

(CIL VI, 01958A)

Este é o monumento de Marcos Virgílio Eurísaces, padeiro, fornecedor, meirinho.

Este é o monumento de Marcos Virgílio Eurísaces, padeiro e meirinho.

Este é o monumento de Marcos Virgílio Eurísaces.

(Tradução nossa)



**Imagem 03:** Pormenor do túmulo de Marcos Virgílio Eurísaces retratando cenas de panificação. **Foto:** Wikimedia Commons.

Descoberta em meio às obras empreendidas por Gregório XVI entre os anos de 1838 e 1839, a tumba de Eurísaces foi encontrada nas adjacências da *Porta Maggiore* (Petersen, 2003: 232. n.11; n.12). Além do monumento funerário, duas estátuas em mármore retratando um homem e uma mulher, identificadas como representações do padeiro e sua esposa, foram encontradas na mesma escavação em conjunto com uma inscrição funerária<sup>5</sup> dedicada a uma mulher chamada Antístia. Registrada em uma escrita arcaizante similar àquela utilizada na tumba do padeiro Eurísaces, esta lápide sugere que o sepultamento de seus restos mortais teria ocorrido em um cesto de pães (*panarium*).

Diferente de outras inscrições de libertos, que conseguimos reconhecer graças à utilização de termos e abreviaturas como *'L(ibertus)'*, *'L(iberta)'*, *'LIB(erta)'* *LIB(ertus)*, a lápide de Eurísaces não apresenta referências explícitas de que o personagem fosse um ex-escravo: sua condição, assim, tem sido depreendida a partir da ausência da filiação na inscrição, pelo nome de origem grega e pela menção à profissão (Petersen, 2003: 238). Mais precisa, ainda, é a presença de *tria nomina*: fator que nos permite constatar que o padeiro era detentor da cidadania romana. Sua atuação como

---

<sup>5</sup> CIL VI, 01958b: Fuit A(n)tistia uxor mih{e}i / femina op[[i]]t<i=u>ma v{e}ix{s}it / quouis corporis reliquiae / quod(!) superant sunt in / hoc panario. Tradução nossa: Antístia foi minha esposa. Viveu como a melhor das mulheres e os resquícios de seu corpo repousam neste cesto de pães.

*apparitor* ou meirinho, um auxiliar administrativo de visibilidade, ademais, ressalta sua inserção social por meio do exercício profissional.

## **Conclusão**

Glaydson José da Silva (2010: 104) já há dez anos constatava que “*as pesquisas em História Antiga no Brasil, hoje, alinham-se, em muitos casos, ao que de mais inovador tem sido feito em centros de excelência no exterior*”. Um dos aspectos a serem mais destacados está no estudo dos subalternos, do passado e do presente (e vice-versa). A publicação de artigo recente sobre essa questão com destaque numa revista historiográfica de referência por Júlio César Magalhães de Oliveira (2020) atesta a relevância universal da experiência social e acadêmica brasileira. Social, pois a escravidão secular e seu legado continua a atormentar, a levar a todos os brasileiros, e aos estudiosos em particular, a refletir sobre os aspectos sociais.

Escravidão (Joly, 2019), pobreza (Faversani, 1998), libertos (Gonçalves, 1998; 2000) ou povo (Funari, 1987) mostram a vivacidade da experiência social brasileira para questionar o passado. Juntam-se a essas preocupações outras de igual importância, com destaque para o agenciamento feminino, no presente e no passado (Funari, 1995; Cavicchioli, 2003; Feitosa, 2003; Belo, 2020), como neste artigo. Nisso também o protagonismo social e acadêmico local foi importante, com o devido destaque do feminismo (Rago, 2019). Neste artigo buscamos, com um estudo de caso, explorar ambos aspectos, presentes já nos inícios da renovação da História Antiga, no Brasil e no mundo, desde a década de 1980. No Brasil, eram os anos de lutas pela democracia e pelo convívio, pela justiça frente à opressão e ao poder discricionário. Décadas depois, muitas foram as conquistas, mas os desafios reaparecem: xenofobia, racismo, sexismo, desprezo pelos excluídos e pela vida, necrofilia ou necropolítica. Este artigo insere-se neste contexto, ao mostrar que a História Antiga pode servir não para submeter, excluir ou matar, mas para respeitar e conviver. Se tivermos contribuído para isso, estaremos contentes.

## **Agradecimentos**

Agradecemos a Taís Pagoto Bélo, Marina Cavicchioli, Angélica Chiapetta, Paulo Pires Duprat, Lourdes Feitosa, Renata Senna Garraffoni, Michel Löwy, Julio Cesar Magalhães de Oliveira, Margareth Rago, Matheus

Trevizam. Mencionamos o apoio institucional do CNPq, Fapesp e Unicamp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

## Referências Bibliográficas

### 1) Fontes antigas

CATÃO. *Da Agricultura*. Edição bilíngue. Tradução, apresentação e notas: Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

CICERO, Marcus Tullius. *De Officiis*. Transl. Walter Miller. Loeb Classical Library. Mass./London: Cambridge/Harvard, University Press, 1913.

CIL VI. *Corpus Inscriptionum Latinarum VI: Inscriptiones Urbis Romae Latinae*. HENZEN, G; DE ROSSI, I.B; BORMANN, E; HUELSEN, C; BANG, M. (et al.) Editors. Berlim, 1876.

CIL IX. *Corpus Inscriptionum Latinarum IX: Inscriptiones Calabriae, Apuliae, Samnii, Sabinorum, Piceni Latinae*. MOMMSEN, Theodor (Editor). Berlim, 1883.

CIL X. *Corpus Inscriptionum Latinarum, X: Inscriptiones Bruttiorum, Lucaniae, Campaniae, Siciliae, Sardiniae Latinae*. MOMMSEN, Theodor (Editor), 1883.

### 2) Publicações Bibliográficas

BÉLO, T. P. *Boudica and the female facets over time: nationalism, feminism, power and the collective memory*. 1. ed. Embu das Artes: Alexa cultural, 2020.

BRADLEY, Keith. *Slavery and society at Rome*. Cambridge: University Press, 1994.

BROWN, W. Sacrificial Citizenship: Neoliberalism, Human Capital, and Austerity Politics. *Constellations*, vol. 23, mar. 2016, p. 3-14.

CAVICCHIOLI, M. R. A Posição da mulher na Roma Antiga. In: FUNARI, P. P. A; FEITOSA, L. C; SILVA, G. J. (Org.). *Amor Desejo e Poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. 1ª Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 287-295.

CHIAPPETTA, Angélica. Introdução. In: CÍCERO. *Dos Deveres*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DE MASI, Domenico. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Editora Esfera, 1999.

DUPRAT, Paulo Pires. Trabalho feminino na Hispânia Romana: preconceitos e resgates. *Revista Hêlade*, Niterói: vol. 03, n. 03., 2017, p.107-129.

DYCK, Andrew R. *A commentary on Cicero, De Officiis*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1996.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Alfred. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 2001.

FAVERSANI, F. *A pobreza no Satyricon, de Petrônio*. Ouro Preto: EDUFOP, 1998.

FEITOSA, L. C. História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo: vol. 13, 2003, p. 101-115.

FINLEY, Moses Israel. *A Economia Antiga*. 2ª Edição. Porto: Afrontamento, 1986.

FUNARI, P. P. A.; Cultura(s) Dominante(s) e Cultura(s) Subalterna(s) em Pompeia: da Vertical da Cidade Ao Horizonte do Possível. *Revista Brasileira de História*, v. 13, 1987, p. 33-48.

FUNARI, P. P. A. Romanas por elas mesmas. *Cadernos do Pagu*, Campinas, v. 5, 1995, p. 179-200.

FUNARI, P. P. A.; Fontes arqueológicas: os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 81-110.

FUNARI, P. P. A.; GARRAFFONI, R. S. Gênero e conflitos no Satyricon: o caso da Dama de Éfeso. *História. Questões e Debates*, v. 48/49, 2008, p. 101-117.

FUNARI, P. P. A.; *Aspectos de la cultura popular romana a partir de Pompeya: arte, erotismo y sensibilidad en el mundo romano*. Barcelona: Editorial Académica Española, 2012.

FUNARI, P.P.A. Epigrafia latina, uma abordagem interdisciplinar do mundo antigo. *Revista Heródoto*, v. 2, 2018, p. 646-663.

FUNARI, P. P. A; GARRAFFONI, R. S. A aculturação como modelo interpretativo: o estudo de caso da romanização. *Revista Heródoto*, v. 5, n. 2, 2018, p.246-255.

GONÇALVES, C. R.. Classe e Cultura no Alto Império Romano: os libertos de Paul Veyne. *Boletim do Centro de Pensamento Antigo*, Campinas, v. 5/6. 1998, p. 235-256.

GONÇALVES, C. R.. Ignorância dos libertos e Mitologia na Cena Trimalchionis (Satyricon 29-78). *Gallaecia*, Santiago de Compostela, v. 19, n. 1, 2000, p. 269-286.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Empire*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

HOPE, V. Status and identity in the Roman world, In: HUSKINSON, Janet. *Experiencing Rome. Culture, identity and power in the Roman Empire*. London, New York: Routledge, 2005, p. 125- 152.

JOLY, F. D. William L. Westermann entre o Antiquarismo e a História Comparada da Escravidão. *Revista Mare Nostrum*, v. 10, 2019, p. 187-208.

JOSHEL, Sandra Rae. *Work, identity and legal status at Rome: a study of occupational inscriptions*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1992.

LINTTOT, Andrew. *Cicero as evidence. A Historian's Companion*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LÖWY, M. "A contrapelo". A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 25/26, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011, p.20-28.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C. Late Antiquity: The Age of Crowds?. *Past & Present*, 2020, p. 1-51.

MARX, K. *O capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

PETERSEN, Lauren Hackworth. The baker, his tomb, his wife and the breadbasket: The monument of Eurysaces in Rome. *The Art Bulletin*, vol. 85, n. 2., jun. 2003, p.230-257.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: HOLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, v. 01, p. 371-387.

SILVA, Filipe N. *Pela honra e em liberdade: os libertos e a munificência cívica na Baetica Romana (séculos I e II d.C.)*. Tese de Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, 2021, no prelo.

SILVA, Glaydson José da. Os avanços da História Antiga no Brasil. In: VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. (Org.). *História Antiga I: Fontes e Métodos*. 1ed. Maringá: Eduem, 2010, v. 01, p. 73-94.

ZANKER, Paul. *Roman Art*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2010.